

A HORA DO PÁTIO

A hora do pátio é um momento em que as crianças têm a liberdade de desenvolver suas próprias brincadeiras e explorar a sua imaginação.

As brincadeiras observadas foram: piques, jogos com bola e as brincadeiras que simulam a vida real. A última brincadeira é praticada quando as crianças, coletiva ou individualmente, trazem as vivências de sua realidade. Observamos as brincadeiras de polícia e ladrão, fazer e vender “comidinhas” e salão de beleza. Nessas brincadeiras, ocorrem os jogos de papéis onde a criança passa a se apropriar do mundo humano e das relações estabelecidas nele no intuito de conhecer e se integrar a esse universo (LAZARETTI, 2016).

A disponibilidade corporal que as crianças apresentam para o brincar é muito maior que a disponibilidade apresentada para qualquer outra atividade, até mesmo para a Educação Física. Percebemos que esse fenômeno ocorre porque não há a figura do professor prescrevendo a ação e a criança fica à vontade para elaborar e trocar de brincadeira conforme sua vontade. Por outro lado, nas atividades prescritas pelo adulto, se determina no que as crianças devem permanecer e isso não abre outras possibilidades de comunicação e trânsito (KUNZ, 1991).

É na brincadeira do pátio onde um carrinho vira uma “arma” para “polícia e ladrão”; onde uma mochila velha de rodinhas vira um “cachorro”; onde uma vasilha vira um “pote de creme” em seu “salão de beleza”; onde areia vira sorvete; onde pedaços do reboco da parede viram alho para temperar a comida. Essas práticas podem ser consideradas como a capacidade que a criança tem de “ter ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar” (OLIVEIRA, 2013, p. 85).

Em vista do potencial criativo que a criança possui e do seu doar-se ao presente, refletimos sobre a pressa no contexto da educação infantil. Parece-nos que o livre brincar se configura em um espaço em que as crianças são deixadas para “extravasar as energias” e depois voltar à “seriedade do estudar”. Contrários a essa perspectiva, entendemos ser essencial respeitar os anseios e necessidades das crianças, abrindo possibilidade de elas brincarem livremente e poderem, assim, ser crianças e não apenas “adultos em miniatura” (STAVISKI; SURDI; KUNZ, 2013, p. 126).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações indicaram que o ato de brincar espontaneamente faz parte do ofício de ser criança. Esse ofício expressa a capacidade da criança de assinar a sua autoria no processo de educação. Respeitar o tempo para o livre brincar da criança é uma condição *sine qua non* para o seu desenvolvimento. Os adultos precisam compreender a infância como o momento em que a criança tem que ser criança e não procurar acelerar o processo do seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

KUNZ, E. *Educação física: ensino e mudança*. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

LAZARETTI, L. M. Idade pré-escolar (3-6 anos) e a educação infantil: a brincadeira de papéis sociais e o ensino sistematizado. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (Orgs). *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas: Autores Associados, 2016, p. 129-148.

OLIVEIRA, V. J. M. Uma geração de poéticas, (re) pensando a educação física na educação infantil. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 78-95, jan/jun 2013.

STAVISKI, G.; SURDI, A.; KUNZ, E. Sem tempo de ser criança: a pressa no contexto da educação de crianças e implicações nas aulas de educação física. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 113-128, jan/mar 2013.

